

**PICHAÇÃO NAS CENTRALIDADES EM BAIRROS PERICENTRAIS:
Avenidas Dom Pedro II e Presidente Carlos Luz**

**GRAFFITI IN CENTRAL AREAS IN PERI-CENTRAL NEIGHBORHOODS:
Dom Pedro II and Presidente Carlos Luz Avenues**

Erick Vinicius Pereira Lopes¹
Lucas Costa Utsch Moreira
Alexandre Magno Alves Diniz

INTRODUÇÃO

A cidade é um espaço físico e um conjunto de culturas. Ela tornou-se o local de referências culturais e sociais, a partir de áreas centrais principais, secundárias, pericentrais e periféricas. Em Belo Horizonte não seria diferente, ocorrendo desigualdades e fragmentações nestas divisões, ocasionando na busca de resistências, como a pichação. Esta, comumente, tem sido estudada apenas nas áreas centrais. Diante disso, questiona-se a racionalidade espacial dos pichadores observada nas áreas centrais das grandes cidades se reproduz ou não nos bairros e centralidades secundárias e lineares, como o Padre Eustáquio: importante bairro pericentral belo-horizontino, encontrando-se posicionado de forma estratégica na dinâmica urbana. Para atender as demandas levantadas, a metodologia baseia-se no interacionismo simbólico, com levantamento bibliográfico e de dados primários (qualitativos e quantitativos), representação em mapa e análises. Os resultados apontam para semelhanças e diferenças da literatura, com novas espacialidades e termos, apesar de manterem ainda o foco nas áreas com maiores visibilidades.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A cidade é comumente definida como um núcleo, com características de ser denso, grande e permanente, onde há indivíduos heterogêneos (Wirth, 1967). Apesar de ser, antes de mais nada, um espaço/organismo artificial e físico, não é, e, nem pode ser definido apenas como tal (Baptista, 2003), pois é um conjunto de atitudes, de costumes, de culturas, de hábitos, de padrões, de práticas, de sentimentos, de tradições e de valores inerentes: é um produto e um meio, podendo ser definida como uma área cultural peculiar.

¹ erickviniciuspl@gmail.com ; PUC Minas Campus Coração Eucarístico

Tem-se, assim, culturas da(s)/na(s) cidades, urbano e velocidade (Simmel, 1967), pois, é(são) o(s) local(is) do surgimento de boa parte das culturas (Park, 1967). De tal forma, a cidade tornou-se o lugar de referências culturais e sociais, a partir de áreas centrais principais (centros), secundárias (subcentrais), pericentrais (intermediação) e periféricas (próximas ou longínquas) (Baptista, 2003). Esta forma de organização não seria diferente do local aqui abordado: no caso, a cidade de Belo Horizonte - BH (antiga Cidade de Minas), capital do estado de Minas Gerais (MG), que foi inaugurada em 1897, apesar de ainda estar em obras e apenas parcialmente implementado o seu plano de construção. Este plano dividia-a em três partes: área central, denominada de urbana; área suburbana (ou pericentral), em torno da primeira; e área rural (ou periférica), ao redor da segunda (Arreguy; Ribeiro, 2008). Atualmente, o plano original ocupa apenas 15,4% do total de 331,4 km² municipais belo-horizontinos.

METODOLOGIA

A pichação como medida em um subcentro faz parte da prática em busca de visibilidades, de notoriedades, de ousadias, de riscos, de identidade, de contestação, de reconhecimento e de famas (ibopes) (Ceará; Dalgalarrondo, 2008). Aqui será destacado as centralidades lineares (centralidades em vias) ali encontradas, por serem comuns em bairros pericentrais, pois regiões com concentrações de fluxos são eleitas frequentemente como alvos primordiais das ações (Lopes; Diniz, 2022). Para atender as demandas levantadas pelo trabalho, a metodologia baseia-se no interacionismo simbólico, que destaca o fato das interações sociais ocorrerem a partir de significações sociais, e, que para compreender e analisar elas, o agente pesquisador também participa do mundo ao qual está propondo a estudar. Como, “vivemos em um ambiente ao mesmo tempo simbólico e físico, e somos nós que construímos as significações do mundo e de nossas ações nele com a ajuda de símbolos” (Coulon, 1995, p. 20), é de suma grandeza esta relação de mão dupla, tendo como parte a cultura (e subculturas). Já nos procedimentos metodológicos, perpassa pela divisão em quatro fases. Inicialmente, teve-se as leituras bibliográficas dos temas afins. Após, segue-se a fase de coleta de dados primários, divididos em duas partes (uma qualitativa e outra quantitativa). Como decorrência das pesquisas, dos projetos e das vivências do presente autor, foram selecionados 6 pichadores que concomitantemente marcam e residem no bairro citado, aos quais contribuíram com as respostas acerca de suas ações. Foram realizadas conversas/intervistas

semiestruturadas com eles, aos quais ocorreram ao longo dos meses de novembro e dezembro de 2024, sendo que duas pessoas foram presenciais, duas online pela mídia social WhatsApp e duas online pelo Instagram. Desta forma, não é apenas utilizado o olhar distante, um “olhar de longe e de fora”, mas sim um olhar próximo, um “olhar de perto e de dentro”, a partir dos próprios atores e suas formas (Magnani, 2002).

DISCUSSÃO E/OU RESULTADOS

Note-se, de tal forma, que há alguns padrões em suas formas de condutas em ser pichador. Agindo com uma espécie de geomarketing das manifestações culturais, os praticantes selecionam um conjunto de aspectos para escolha e realização da sua marca, buscando desde sua fama, até a sua eternização (outro aspecto do ibope). Tanto os dados qualitativos quanto os quantitativos apontam para a mesma direção. Nos padrões levantados, destaca-se que no geral assemelham-se aos resultados encontrados em áreas centrais e em vias, em trabalhos preliminares dos autores Lopes e Diniz (2022), Diniz e outros (2024) e Lopes (2024). Ademais, uma pergunta que possa pairar a cabeça, é se tais locais não foram privilegiados por manterem lógicas centrais ou apenas por descuidos. Apesar da semelhança, as especificidades são importantes para entender as proximidades de centralidades principais e secundárias, sendo lineares ou não.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na pichação, a racionalidade espacial das áreas centrais no geral se reproduziu nas áreas secundárias, a partir das respostas e semelhança dos padrões dos locais com maiores quantidades a partir da visibilidade e extensão dos muros, na lei e com grande quantidade de grupos e belo-horizontinos.

Palavras-chave: Manifestações culturais; Subcentros; Centralidades lineares; Trocas.

Financiamento: FIP- PUC Minas

REFERÊNCIAS

DINIZ, A. M. A.; ANDRADE, L. T. de. Metropolização e hierarquização das relações entre os municípios da RMBH. In: ANDRADE, L. T. de; MENDONÇA, J. G. de; DINIZ, A. M. A. (eds.). **Belo Horizonte**: transformações na ordem urbana. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrópoles; Belo Horizonte, MG: PUC – Minas, 2015. p. 120-144.

DINIZ, A. M. A.; RIBEIRO, L. M. L.; LOPES, E. V. P.; LIBÓRIO, M. P. Pandemic, Routine Activities, and Graffiti in Belo Horizonte: Has Social Isolation Led to City Saturation?. **The Professional Geographer**, [S.l.], v. 76, n. 5, p. 662-674, 2024. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00330124.2024.2355185>. Acesso em: 1 jul. 2024.

GITAHY, C. **O que é graffiti**. São Paulo: Brasiliense, 1999. 66 p.

ISNARDIS, A. Pinturas Rupestres Urbanas: uma Etnografia das Pichações em Belo Horizonte. **Revista de Arqueologia**, [S.l.], n. 10, p. 143-161, 1997.

LOPES, E. V. P. Pichação e Pendularidade: o caso da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH-MG), Brasil. **Revista Percurso - NEMO**, Maringá, v. 16, n. 2, p. 153-177, 2024. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Percurso/article/view/68979>. Acesso em: 5 jan. 2025.

LOPES, E. V. P.; DINIZ, A. M. A. Pichações Metropolitanas: o comportamento espacial dos grupos de pichadores na RMBH-MG. **E-metropolis**, Rio de Janeiro, a. 13, n. 49, 2022. Disponível em: http://emetropolis.net/system/artigos/arquivo_pdfs/000/000/379/original/emetropolis49_art2.pdf?1669125341. Acesso em: 15 fev. 2025.